



O FERIADO

Num feriado, resolvemos acampar em uma praia, um lugar esquecido no mundo. Só para vocês terem uma ideia, o vilarejo tinha apenas um telefone que era pago por minutos. Sinal de celular, nem pensar!

No caminho, pegamos um pé d'água. Entre raios e trovões, o carro atolou na passagem de um córrego. Demoramos um tempão para tirar o carro dali. A chuva passou, anoiteceu e nada de o acampamento chegar. Até que, finalmente, conseguimos entender como se montava a barraca. Como estávamos em quatro, foi mais rápido, mas já estava anoitecendo e isso não era bom. A Clara era muito medrosa e qualquer barulho que escutasse já ficava com medo.

Depois de já termos montado tudo, entramos e logo dormimos. A viagem tinha sido longa. No meio da noite, o Henrique acordou todos nós falando que havia escutado barulhos. Pra variar, Ale nem ligou, disse que era mentira, mas eu acreditei e Clara já estava chorando, porque ela chora por tudo. Isso devia ser às 2h30 da manhã. Eu não vou mentir, estava com um pouco de medo.

Quem veio comigo foi Clara, Henrique, Ale e Manu.

Decidimos sair todos para ver o que era. Por mais que pudesse ser só o vento ou qualquer animal, demos uns cinco passos e escutamos barulhos e, depois disso, desistimos de ir atrás, porque estávamos ficando com medo.

Resolvi ficar mais um pouco acordada e, de repente, vi uma sombra passando na frente da barraca e na hora acordei o Henrique e contei para ele. Nós dois ficamos olhando para a porta e não demorou muito para passar de novo. Era como a sombra de uma pessoa e ficamos com muito medo. Logo que pensamos em acordar Clara e Ale, alguém começou a abrir o zíper da barraca. Quando vimos, eram só outras pessoas querendo saber o que estávamos fazendo ali, porque eles também queriam acampar.

Laura Mollerli Teixeira
7º ano / Itajaí
2018